

## Princípios lógicos\* - 08/06/2019

A teoria do conhecimento de Russell aborda os princípios de inferência (considerados óbvios) que são aliados do princípio de indução na tentativa de validar a experiência e que possuem graus de certeza similares aos dados-dos-sentidos. Ele nos recorda que princípios lógicos partem de \_casos particulares para leis gerais\_, assim como a aritmética (" $2+2=4$ ", " $a+b=c$ ", etc.) e que há um tipo de implicação geral: \_"whatever follows from a true proposition is true"\_ que, se parece trivial, deve ser investigada pelo filósofo. Ele enumera exemplos de tais princípios lógicos classificados como "Leis do Pensamento":

\_(1) The law of identity: 'Whatever is, is.'\_

\_(2) The law of contradiction: 'Nothing can both be and not be.'\_

\_(3) The law of excluded middle: 'Everything must either be or not be.'\_

Investigando a história, Russell aponta para a distinção entre empiristas (Locke, Berkeley e Hume) e racionalistas (Leibniz e Descartes) tomando partido dos segundos: para os empiristas todo conhecimento vem da experiência, já os racionalistas admitem ideias inatas (entre as quais Russell inclui os princípios lógicos), base do conhecimento. Ideias inatas são referidas por Russell pelo termo \_a priori\_: algo que não vem da experiência, mas é base para ela. Por outro lado, de acordo com Russell, os racionalistas erram ao propor conhecimentos que podem ser deduzidos independentemente da experiência. Ele enfatiza que todo conhecimento de algo existente é empírico, ou seja, provém da experiência, direta ou indiretamente. Então, conhecer o que existe envolve dados-dos-sentidos e sem eles há somente um conhecimento hipotético.[i]

Russell cita como conhecimento \_a priori\_, mas não lógico, o valor ético. São julgamentos que consideramos valiosos não por um fim útil, mas por nossa própria conta, independentemente da experiência. Tais julgamentos éticos, p.ex., felicidade ao invés de tristeza, etc., não podem ser provados pela experiência, pois \_é impossível deduzir o que deveria ser do que é\_, embora sejam aplicados na experiência. Ponto crítico, a matemática é para Russell \_a priori\_ e um princípio geral que pode ser pensado abstratamente, embora os empiristas considerem um conhecimento por indução: ver muitas vezes duas coisas juntas somando quatro, etc. Assim como as propriedades do triângulo que podem ser tiradas de apenas um triângulo, do particular direto ao geral. Na

aritmética, “2+2=4” tão logo se evidencie a verdade dessa proposição não precisa ser reiterado na generalização da experiência, pois já atinge grau de certeza. Russell usa o famoso exemplo dos “outros mundos possíveis”: mesmo que existam outros mundos é inconcebível que a soma “2+2” não seja sempre “4”, isto é, não é um fato que pode mudar.

Russell então compara: 1.) um conhecimento factual “Todo homem é mortal” que necessita de muitos exemplos (generalização empírica) de que todos morremos para termos certeza com 2.) o conhecimento lógico matemático do tipo “2+2=4” que requer apenas um exemplo para ser tomado como certo para reabilitar a possibilidade do conhecimento dedutivo (do geral ao particular). P.ex., Pedro e João somados a Paulo e Celso somam quatro homens embora não os conheçamos, mas ele rechaça o argumento dedutivo clássico: “Se todo homem é mortal; Sócrates é homem; Sócrates é mortal” mostrando que dependeria de um conhecimento indutivo de Sócrates para convencer de maneira mais clara.[ii] Nas palavras do filósofo:

This illustrates the difference between general propositions known a priori, such as 'two and two are four', and empirical generalizations such as 'all men are mortal'. In regard to the former, **\*\*deduction is the right mode of argument\*\***, whereas in regard to the latter, **\*\*induction is always empirically preferable\*\***, and we can't agree on a definite method of our conclusion, because all empirical generalizations are more uncertain than the instances of them.[iii]

Russell, então, nos avisa que investigará como é possível o conhecimento de proposições *a priori* (lógica, matemática pura, ética) e de proposições gerais, onde há casos infinitos de análise, recorrendo ao nobre Kant.

\* \* \*

(\*) Bertrand Russell, Problems of Philosophy. ON OUR KNOWLEDGE OF GENERAL PRINCIPLES. Acessado em 31/05/2019:  
[<http://www.ditext.com/russell/rus7.html>](<http://www.ditext.com/russell/rus7.html>).  
Ver o seguinte fichamento e os anteriores:  
<<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2019/05/sobre-inducao.html>>.

[i] Percebemos que ao longo da investigação Russell mantém seu compromisso com dados-dos-sentidos.

[ii] Um silogismo é um termo filosófico com o qual Aristóteles designou a conclusão deduzida de premissas, a argumentação lógica perfeita. É um argumento dedutivo constituído de três proposições declarativas (duas premissas e uma conclusão) que se conectam de tal modo que, a partir das duas primeiras (as premissas), é possível deduzir uma conclusão.  
<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Silogismo>>, acessado em 8/6/2019.

[iii] Nota-se a concordância de Russell com a lógica indutiva moderna em detrimento da dedução dos gregos.

**Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.**